

Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém: liberdade, *phronesis* e *logos* nos discursos aforísticos

Luiz Antonio Ferreira

Introdução

No século I a.C., os habitantes da cidade de Corinto¹ tinham uma ideia muito particular de liberdade: entregavam-se abertamente à imoralidade e, nos cultos pagãos, praticavam rituais de prostituição entre sacerdotisas e adoradores. A Igreja católica tinha consciência de que faltava, na cultura dos coríntios, um ideal racional de felicidade e de liberdade, pois os cidadãos, imersos em ideias e convicções pagãs, não percebiam que, para o cristão convertido, a nobreza do ato moral consistiria em, pelo uso da inteligência, discernir o mal do Bem. Era preciso, de algum modo, mover a vontade para instigar a prática de atos moralmente considerados, pois a escolha do Bem é produto voluntário e, como apregoariam séculos depois os adeptos do pensamento escolástico-tomista², puramente racional. A tarefa não era fácil, porque, como afirma Pestana³, Corinto possuía vícios contumazes como o mundanismo na avaliação da sabedoria, imoralidade, ascetismo, libertinismo, materialismo, soberba, problemático ambiente social pagão com tensões inerentes ligadas ao poder e direito entre os sexos, além de um possível gnosticismo⁴ emergente.

1 Corinto é a antiga polis romana, localizada a aproximadamente 48 km de Atenas, foi importante centro comercial da antiguidade que, no século I d.C., durante 18 meses, representou ponto importante no trabalho missionário de Paulo apóstolo.

2 O tomismo é a filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), caracterizada pela tentativa de integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico aos textos bíblicos e divulgar uma filosofia do Ser, inspirada na fé e na teologia científica.

3 Pestana, 2014.

4 O gnosticismo (do grego Γνωστικισμός; romaniz.: gnostikismós; de Γνωσις, gnosis: 'gnose', e gnostikos: 'conhecedor, sábio') é um conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas, surgidas durante os séculos I e II d.C., oriundas da região do mediterrâneo. O gnosticismo se mesclou ao cristianismo primitivo e foi condenado como heresia após um período de prestígio entre os intelectuais cristãos. Alicerçado em interpretações de relatos bíblicos e apócrifos pelo viés filosófico médio-platônico e de cultos de mistérios greco-romanos e orientais, os gnósticos se opunham à simplicidade da fé cristã, consideravam-se pensadores profundos e tentavam explicar os mistérios da criação e o problema do mal pela redução do homem a três tipos distintos: os instruídos, ou espirituais (eles mesmos); os cristãos comuns (em quem se equilibram matéria e espírito) e os pagãos, ou materiais (em que o espírito é subjugado pela matéria).

Como, porém, alcançar a racionalidade quando um determinado valor de liberdade se integra fortemente à cultura e afasta o homem do exercício da conscientização de si e do outro? Cria-se (como cremos até hoje) que a experiência de uns mostraria a importância da racionalidade para outros. A experiência requerida encontrava-se em Paulo de Tarso (5-67), um ex-pagão, que, quando convertido ao cristianismo, fundara uma igreja na cidade e ouvira, sem dúvida, argumentos como este, contido no versículo 13 de sua primeira carta aos cidadãos da cidade: *Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos*⁵. Os coríntios valiam-se de um aforismo para justificar a ideia de prática sexual libidinosa como natural e possível de ser equiparada ao apetite. Paulo, em resposta a esse argumento, respondera: “Mas Deus destruirá ambos” para explicar como entendia a finalidade do corpo e sua visão cristã acerca do prazer: honrar a Deus e tomar o corpo como templo do Espírito Santo.

Como se vê, um aforismo aparentemente inocente exigiu do pregador um esforço de racionalização e de experiência para dissuadir os novos cristãos de que a libertinagem não é sinônimo de liberdade. Trezentos anos antes de Cristo, Aristóteles já se valia do termo *phronesis* para simbolizar a mais elevada virtude da parte calculativa da alma racional: a razão prática. Aos cristãos de Corinto faltava, na visão cristã, “discernimento”, termo entendido em *Ética a Nicômaco*⁶ como uma qualidade racional que leva à verdade no tocante às ações relacionadas aos bens humanos. Há, então, na *phronesis*, dois elementos que se interpenetram na busca de uma verdade: o momento cognitivo e o momento prático de encaminhar uma decisão. Assim, a virtude moral e a experiência de vida fundamentam o agir humano e os conhecimentos particulares. Como envolve o pensar e o agir, como envolve a razão, a *phronesis* é constituinte do *logos*, um dos caminhos humanos para organizar o próprio humano quando há objetivos que precisam ser racionalmente demonstrados e que, amparados pela articulação discursiva, mostram a lógica que sustenta os argumentos.

Neste texto, iremos discutir os aforismos como recursos para a criação de evidências em atos retóricos. Inicialmente, refletiremos sobre uma questão fundamental para o entendimento da eficácia retórica: quais são os “poderes” do aforismo no ato retórico? Na segunda parte do texto, nos empenharemos na busca de resposta para uma outra questão mais específica: qual o poder do aforismo para a consolidação do ato retórico moralmente considerado? Essa questão envolve o discurso virtuoso ou viciante de ora-

5 1 Coríntios 6,13. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/6/13-20>. Acesso em: 28 setembro 2021.

6 A *Ética a Nicômaco* é a principal obra de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) sobre Ética, escrita para expor sua concepção teleológica e eudaimonista de racionalidade prática, sua visão da virtude como mediania e suas considerações sobre o papel do hábito e da prudência.

dores que, em nome de uma verdade constituída solidamente pelo discurso instituinte, a revelam com força de axioma que faz florescer uma hermenêutica muito singular sobre o ser ou o estar no mundo. Para muitos, os aforismos, por sua potencialidade retórica, revelam-se previamente como verdades. Mostraremos que são apenas verossímeis e, por isso, persuasivos.

Poderes dos aforismos no ato retórico

Os estudos de Pestana⁷ deixam claro que os coríntios apoiavam seus discursos com aforismos, provérbios, máximas e lemas sedimentados na sabedoria popular para afirmar, negar ou legitimar comportamentos ou doutrinas. Nesse sentido, valiam-se, no ato retórico, de argumentos prontos, de uma espécie de “slogans” altamente disseminados na cultura para convencer ou persuadir seu auditório. Paulo, por sua vez, certamente sabedor do poder do uso retórico dos provérbios⁸ e aforismos no processo de persuasão e de justificação de posturas, utilizava o mesmo recurso para refutar o que considerava anticristão. Os aforismos são máximas ou proposições que, em poucas palavras, explicitam regras ou princípios de alcance moral. Têm um grande poder persuasivo, pois expressam um fenômeno do mundo com coerência, concisão e clareza. Trazem em si o poder de advertir para solidificar um fundamento filosófico de teor prático e, diferentemente dos provérbios, possuem autoria.

Para os propósitos deste texto consideraremos que provérbio e aforismo se distinguem pelo fato de o primeiro ser de origem popular e o segundo ser criado no quadro da reflexão filosófica. O sentido etimológico⁹ de aforismo é apropriado para se refletir sobre persuasão e convencimento, já que deriva do verbo *aphrORIZO* (ἀφορίζω), que significava eu defino, eu determino. Por isso, e por extensão semântica, pode ser entendido como *o que marca limites, o que define, ordena*. É, em síntese, um dito sentencioso¹⁰ que, ao longo da história da retórica, mereceu atenção de expressivas figuras como Aristóteles, Quintiliano e até do autor anônimo de *Ética a Herênio*, obra por muito tempo atribuída a Cícero¹¹.

7 Pestana, 2019.

8 Em relação aos provérbios (Oliveira, 1991 apud Xatara e Succi, 2008) nos alerta para a dificuldade de delimitar as diferenças de significado entre aforismo e termos como adágio, sentença, máxima, provérbio, refrão, axioma e apotegma, pois todos carregam o sentido pretendido em uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de ensino profundo e útil. Nenhum autor antigo, nem moderno, todavia conseguiu expor clara e terminantemente as diferenças entre umas e outras.

9 Cunha, 1996.

10 Pestana, 2019

11 Aristóteles (*Arte Retórica* II.21 [1394a-1395a]), (Pseudo-)Cícero (*Retórica a Herênio* IV.24-25) e Quintiliano (*Instituição Oratória* VIII.5.1-35)

Por carregar em si a ideia de que traduz *uma verdade do outro que pode ser apropriada para mim*, o aforismo se ajusta em cada auditório por, no plano argumentativo, evocar o argumento pelo exemplo e, nesse sentido, comportar três elementos persuasivos imediatos: plausibilidade, verossimilhança e exequibilidade, aliados a uma boa carga de envolvimento racional e emocional. A plausibilidade é reforçada pelo argumento de autoridade, que atribui ao autor da máxima o poder de dizer porque, reconhecidamente, possui qualidades que o autorizam a dizer como diz e, numa perspectiva bem retórica, amparar-se em seu próprio *ethos*. Por ser precedido pela autoridade de um autor respeitado, o aforismo, então, estabelece com o auditório um alto grau de credibilidade e, por consequência, produz aceitação dos argumentos apresentados. O aforismo, também, por reforçar anseios universais, historicamente (*aphrorizein*) traduz um sentido apodítico-indicativo-prescritivo que assume características de definição e, nesse sentido, “determina” escolhas, indica caminhos e evoca a concordância natural.

Essa ideia de determinar de que se reveste o aforismo é criada pela verossimilhança, pela aparente aproximação de uma “verdade” e pode ser justificada também historicamente: Hipócrates (460-370 a.C.), considerado o pai da Medicina, escreveu, para os gregos antigos, um livro chamado Aforismo (αφορισμός), uma coleção de orientações para doenças e medicamentos. O livro de Hipócrates funcionou como um manual de aconselhamento para a formação e prática médica ao tomar por base uma máxima importante para os profissionais da saúde: *ars longa, vita brevis* (“A vida é curta, a arte é longa”)¹². A exequibilidade é consequência natural pelo efeito que provoca no auditório: *se ele diz como diz e pratica o que diz, também posso fazer*. Enfim, como potência argumentativa e persuasiva, o aforismo expressa, concisamente, a experiência humana, orienta a criação de uma filosofia do existir e rememora o lugar do ser no mundo. Para Neto¹³, embora possamos considerar o aforismo como uma crítica pretensiosa da sociedade, é possível entendê-lo como “um testemunho particular do tempo”.

Por ter a abrangência significativa e a propriedade de tradução, em poucas palavras, do que somos, o aforismo aproxima o orador do auditório e pode assumir um valor axiológico, próximo das “verdades” inquestionáveis, que são utilizadas como princípios nas construções de uma teoria ou como base para encetar reforço de um ato de argumentação. Faz sentido: “axios”, na história etimológica, comporta o sentido de digno, válido. Por isso, em muitos contextos, axioma é sinônimo de postulado, lei, princípio. Como o axioma e o aforismo não precisam ser, em princípio, provados, funcionam, em retórica, como uma proposição inicial centrada no consenso e, muitas vezes, aceita

¹² Elias Neto, 2017.

¹³ Ibid.

como natural e necessária. A retórica conhece bem o efeito do aparentemente natural e crível sobre um auditório: sabe que a forma do aforismo evoca o poético em nós, projeta o arrebatamento, exerce fascínio e ajuda a tecer a felicidade e a compreensão do que somos de modo mais didático e operante. Um aforismo atribuído a Pascal representa bem essa característica por realçar o poético e metafórico para demonstrar a importância da paixão no viver humano: *Uma gota de amor é mais que um oceano de intelecto*¹⁴, ou como Montaigne ao meditar sobre a importância do dizer humano: *A palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a ouve*¹⁵. Ao funcionar, por exemplo, como um argumento de reciprocidade¹⁶, funda-se na natureza das coisas e demonstra, simetricamente, as aptidões humanas fundamentais para o certo e o errado, para o justo e o injusto, para o direito e o avesso.

Ainda que o aforismo possua uma direção persuasiva que ilustra o viver, o orador, como em qualquer ato retórico, precisa levar em conta que, como ocorreu com Paulo de Tarso, nem todos os auditórios são dóceis e que o acordo pretendido depende das disposições do ouvinte, aquele que aceita ou não as premissas do raciocínio e os juízos que sustentarão o desenvolvimento do tema posto em ação. O orador, por sua vez, precisa demonstrar competência de elaborar seu discurso em função de um princípio básico de que a verdade e a evidência não falam por si próprias, requerem uma força retórica estritamente ligada à qualidade atribuída à audiência, uma vez que, nesse percurso de conseguir comunhão das ideias, envolvem-se características de subjetividade, de poderes da argumentação, de recursos retóricos de convencimento e persuasão e, sobretudo, de qualidade ou quantidade de interesse capaz de suscitar a tomada de decisão de um auditório. Sob essa perspectiva, as premissas da argumentação, quando criadas a partir das hierarquias e crenças de um auditório, precisam ser pautadas numa “lógica de julgamento de valores”, no bom senso na boa escolha dos lugares comuns (qualidade, quantidade, essência, existente, da pessoa e da justa medida, por exemplo) possam tocar, no instante do ato retórico, mais diretamente o auditório.

Nesse contexto, os lugares retóricos adequados são fundamentais para obtenção do êxito discursivo¹⁷. De modo geral, os aforismos exploram o lugar da qualidade, aquele que é preferível, que despreza o que é banal e valoriza o raro, o único o que dignifica o comportamento humano por meio de uma hierarquia de valores e, como implica esco-

14 Blaise Pascal, 2005.

15 Vaz, 2018.

16 Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 251.

17 Ferreira, 2019.

lhas, poderia ser resumido no pensamento de Aristóteles: “O mais difícil é preferível ao que o é menos, pois apreciamos mais a posse das coisas que não são fáceis de adquirir”¹⁸.

Perelman e Tyteca¹⁹ destacam um aforismo de Quintiliano que demonstra, de modo sucinto e com uma figura de presença, proposições que se confirmam mutuamente pela exploração do lugar da qualidade: *O que é honroso aprender, também é honroso ensinar*. Machado de Assis, ao argumentar pelo sacrifício, estabelece proposições que se distanciam para levar a uma conclusão que suscita efeitos patéticos no auditório por meio da exploração do lugar da justa medida (que não deixa de ser, num sentido amplo, o lugar da qualidade): “Não precisa correr tanto; o que tiver de ser seu às mãos lhe há de ir”²⁰. Para demonstrar o poder de generalização de certos aforismos, os autores mostram que o argumento de reciprocidade pode ser expresso no discurso por meio de evocação dos contrários, como se valeu Montaigne para acentuar uma lição sobre a importância da ação cotidiana pela utilização dos lugares da ordem e da qualidade: “É igual loucura lastimar que não estaremos vivos daqui a cem anos e lastimar que não estávamos vivos cem anos atrás”²¹.

Os lugares comuns da retórica sustentam as muitas formas argumentativas dos eufemismos. É comum, por exemplo, a presença da analogia, termo de origem grega que significa “proporção” e estabelece relação de semelhança entre duas ou mais entidades distintas. Montaigne, em aforismo aparentemente irônico, ao refletir sobre a virtude da coragem, com especial atenção ao problema da morte heroica, ressalta o sacrifício e estabelece analogia entre a vida e a morte: “Abandonar a vida por um sonho é valorizá-la com justiça pelo que ela é”²². Retoricamente, os recursos tornam-se ainda mais persuasivos quando se os elementos que se aproximam forem verossímeis e relevantes, se a quantidade dos elementos semelhantes for expressiva e se as diferenças não forem acentuadas.

De modo sutil, mas eficaz, muitos aforismos são construídos por meio de argumentos quase lógicos²³ e exploram, dentre outros modos de afirmar, a comparação, a definição, a reciprocidade, a transitividade, a inclusão da parte no todo ou a divisão do todo em suas partes para estabelecer relações persuasivas. Para indicar o humano e o homem em

18 Aristóteles, *Órganon*, Tópicos, liv. II, apud Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996.

19 Ibid., p. 251.

20 Assis, 1997.

21 Vaz, 2018.

22 Segundo Vaz (2018) “Uma ironia que se dirige ou à vida de quem o faz, porque eventualmente ela não vale muito, ou sobre o sonho, pensamento fútil que leva alguém a tamanho extremo.”

23 “Os argumentos quase lógicos são aqueles que lembram a estrutura de um raciocínio lógico, mas suas conclusões não são logicamente necessárias. Operam com raciocínios preferíveis: possíveis, plausíveis, prováveis.” Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996.

suas ações terrenas, Terêncio (185 a.C. - 159 a.C.), dramaturgo e poeta romano, valeu-se de um aforismo para dividir o todo em partes exequíveis: *Sou um homem: e nada do que é humano eu considero alheio à minha natureza. (Homo sum: humaninil a me alienum puto.* - Terêncio, *Heauton timorumenos* 77)²⁴. O aforista discute um dos conceitos de *Humanitas*, termo que deriva de *humanus*, que, por seu turno, se relaciona com *homo* ('homem') e *húmus* ('terra'). Desse modo, o aforismo, em toda a sua extensão, engloba a noção de 'ser terreno', e, assim, exprime o conjunto de comportamentos implicados no admirável comportamento humano. A ideia é, como afirmam Perelman e Tyteca²⁵, apresentar uma argumentação fundamentada no esquema: "o que vale para o todo, vale para a parte" ou o contrário. Os autores exemplificam esse tipo de recurso retórico com um pensamento de Locke (1632-1704): "Nada do que não é permitido pela lei a toda a Igreja, pode, por algum direito eclesiástico, tornar-se legal para algum de seus membros"²⁶.

Por se apoiar na experiência reconhecida do orador, o aforismo destaca, dentre suas múltiplas formas de sedimentar argumentos, o discurso dos virtuosos e competentes. Nesse sentido, pode incluir-se também, em vários momentos do ato oratório, entre os argumentos baseados na estrutura do real²⁷, pois, inicialmente, importa ao orador mais explicar do que implicar. Por basear-se na realidade, o aforismo explicita as ligações existentes entre os diversos elementos de uma dada realidade, apoiado em um saber e na capacidade oratória de demonstrar que os elementos do real estão associados entre si, que possuem ligação. Quando assim composto, funda uma relação de sucessão ou de coexistência ao propor possibilidades de ampliar a percepção do auditório para estratégias pragmáticas de causa e efeito, fato e consequência, associação do caráter de uma pessoa a seus atos e as possibilidades de superação. Vieira, por exemplo, no Sermão do Mandato, pregado na Capela Real em 1645, discute, por meio da implicação, o conceito de amor fino: "*Amor non quaerit causam nec fructum: amo quia ama, amo ut amem*: O amor fino é aquele que não busca causa nem fruto: ama porque ama, e ama por amar"²⁸. Vieira reforça a ideia de que se alguém ama sem uma causa e sem uma finalidade, então, possui um verdadeiro amor. Essa é uma implicação que estabelece relação entre as premissas (a, então, a).

24 Medeiros, 1992.

25 Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 262.

26 Ibid.

27 "Os argumentos baseados na estrutura do real baseiam-se em relações que nosso sistema de significação considera existentes no mundo objetivo: implicação e concessão, causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização." Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996.

28 Vieira, 1998.

Esse caráter pragmático-prescritivo do aforismo como argumento tem, porém, suas fraquezas quando exalta apenas os benefícios de uma opção existencial sem necessariamente realçar o preço implicado nessa escolha. Um aforismo de Santo Agostinho serve de exemplo para mostrar uma verdade que implicaria grande esforço de transformação: “Crê para compreender, compreende para crer”²⁹. Agostinho, assim como Paulo de Tarso, convertera-se ao cristianismo, e por experiência pessoal acreditava que a forma perfeita de todas as coisas existe apenas na mente de Deus. Por isso, as almas³⁰ aprendem cada vez mais à medida que Dele se aproximam. O objetivo de Agostinho era conhecer a alma e refletir sobre sua própria interioridade e o fenômeno da fé (a percepção de ter sido tocado de alguma forma por Deus) que, além de mudar a forma de pensar, muda também a forma de viver: Deus se faz conhecer no interior da alma e o homem, pela inteligência, deve buscar o conhecimento de Deus. Assim, a fé incentiva a inteligência e, por ela, a própria fé se fortifica.

No aforismo, há um espaço de razoabilidade que precisa ser detidamente analisado na *inventio* e proclamado na *actio* e essa ponderação inicial configura a própria retórica como uma reflexão teórica sobre a busca da melhor solução, no contexto em que se dá, para problemas existentes por meio do diálogo, do esforço oratório para demonstrar o razoável, o possível e o atingível quando uma questão se impõe vigorosamente e precisa ser discutida. O aforismo, em qualquer de suas formas e intenções, coloca o homem diante de uma questão de valor³¹: aquela que o leva a refletir sobre o que é bom, desejável, útil e o que é ético e moral. As questões de política se infiltram também nos escaninhos significativos do aforismo, pois, conclamam à ação no futuro, à reflexão sobre o que se deve ou não fazer e, assim, envolvem o gênero deliberativo de Aristóteles: adequar os meios para se chegar a um propósito consensual.

Enfim, o objetivo do aforismo, se visto como argumento, é o *docere*, mas, por sua força retórica, imprime igualmente o *movere* e o *delectare* no âmago do auditório. Por isso, tem poder retórico impactante, uma vez que articula no ato discursivo a Literatura e a Filosofia para realçar a percepção da vida, da sociedade e de tudo que seja objeto de pensamento. O aforismo, assim como os provérbios de origem popular, marca-se pela expressividade e, por esse recurso, realça a mensagem ao discorrer sobre princípios morais que, por sua natureza, podem cristalizar formas, regras de viver que se propagam, consciente ou inconscientemente pelos atos retóricos e, como afirma Aristóteles, evo-

29 Marconatto, 2008.

30 Segundo Aristóteles, “Almas” possuem duas partes: uma, vegetativa e sensível, é comum a todos os seres; outra, racional, dianoética, intelectual. A cada parte corresponde uma virtude particular.

31 Campbell, *et al.*, 2015.

cam os dois tipos de raciocínio humano: os necessários e os preferíveis. Nos aforismos, o auditório é levado a escolher o provável, o possível, o plausível, não necessariamente lógico e, por isso, preferível que, por sua vez, pertence amplamente ao âmbito da retórica.

Aforismo e o ato retórico moralmente constituído

Pascal³² afirma: “Esforçar-se em pensar bem, eis aqui o princípio da moral”. O filósofo realça o aspecto racional que sustenta a moralidade humana, mas é também Pascal quem adverte: “O último esforço da razão é reconhecer que existe uma infinidade de coisas que a ultrapassam”. Se assim é, existe em nós um vibrar emocional que mistura paixões, faculdades e hábitos num complexo processo de formação para ser o que somos ou queremos ser. São as tonalidades do sentir e do pensar que nos irmanam e nos diferenciam tanto na racionalidade quanto na emotividade e, portanto, no modo de agir no mundo. É também o agir o voluntário que nos encaminha para a grande finalidade de nossa vida: alcançar a felicidade (*eudaimonia*)³³. Para conquistá-la, precisamos viver racionalmente e, de acordo com Aristóteles, viver racionalmente é praticar a virtude (*aretê*) que, por força da reta norma da sabedoria prática (*orthòslógos* - reta razão) nos fará repudiar os extremos e alcançar o meio termo, a *mesotês*, conceito da filosofia antiga que descreve a posição de uma virtude entre dois vícios opostos, o “excesso” e a “deficiência”: a justa medida, que pode ser entendida como sensatez, moderação, prudência. No templo de Apolo em Delfos, dois aforismos confirmam a necessidade de reflexão sobre o agir, o falar humano e sobre a sensatez: “*Gnóthiseautón*”, *Conheça a si mesmo* e “*Medénágan*”, *Nada em excesso*. Por extensão, o ato retórico que busca a justa medida (regra suprema da ação moral) difunde a coragem, a temperança, a magnanimidade, a amabilidade e a justiça. O aforismo faz deliberar e envolve o desejo e a razão, evoca a *práxis* como princípio de escolha entre o desejo e o cálculo para atingir um determinado fim de natureza moral.

Os aforismos do templo de Apolo recomendam, desse modo, a prática da *phronesis*. Para Aristóteles, a *phronesis* é uma virtude cujo traço mais relevante, mas não exclusivo, é a avaliação correta das circunstâncias singulares das quais depende a efetiva realização de cada ação virtuosa³⁴. A *phronesis* nos leva a deliberar sobre cada ação e por ela formulam os propósitos ainda gerais e a percepção dos extremos. É a *phronesis* que nos permite calcular os meios necessários para alcançar um fim considerado bom³⁵. Por pertencer

32 Disponível em: <http://www.sergiobiagregorio.com.br/filosofia/pascal-blaise.htm>. Acesso em: 20 setembro 2021.

33 Aristóteles, 2004.

34 Ibid. (cf 1142 a 23-30; 1143 a 32-33)

35 Silveira, 2000.

à parte racional do homem que tem por objeto as realidades que podem ser diferentes, é também prática e leva em conta que o verdadeiro bem do homem não é o individual, mas o coletivo. Não é, portanto, egoísta: exige maturidade e conhecimento dos fenômenos particulares e universais para associar um momento cognitivo e um prático, ligados à razão humana e à virtude moral. Para Aristóteles, nada era bom ou mau em sentido absoluto, mas dependia da quantidade. Por exemplo, ter pouca coragem pode acarretar o desenvolvimento de uma personalidade covarde. Ter muita coragem, porém, leva à imprudência. Ao praticar a moderação, encontramos coragem para fazer coisas que valem a pena e bom senso para evitar nos expor a riscos desnecessários: *A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras*. Um aforismo atribuído ao Dalai Lama exemplifica bem a forçada moderação em ação retórica: *Desenvolver força, coragem e paz interior demanda tempo. Não espere resultados rápidos e imediatos, sob o pretexto de que decidiu mudar. Cada ação que você executa permite que essa decisão se torne efetiva dentro de seu coração*³⁶. Victor Hugo também nos oferece um aforismo que encoraja a *mesotês* e a *phronesis*: *Tenha coragem para as grandes adversidades da vida e paciência para as pequenas e, quando tiver cumprido laboriosamente sua tarefa diária, vá dormir em paz. Deus está acordado*³⁷. Ressalte-se que o agir humano é faculdade da alma, que, por sua vez, é dotada de *logos*. A virtude depende do julgamento por força da reta razão e não é inata, mas produto da prática, do hábito, da educação. Essa forma de ver o mundo justifica retoricamente a presença dos aforismos no discurso.

Se considerarmos o aforismo como um princípio persuasivo particular, não será difícil perceber que, como afirma Reboul, o ato retórico é sempre argumentativo e estilístico ao mesmo tempo: o orador imprime sua marca, se inscreve no enunciado e age sobre o auditório para tocar e fazer refletir. Um dos objetivos comuns do aforismo é amparar a virtuosidade, exortar o meio termo para promover ações que mostrem ao homem que ele é a causa da maneira como observa o mundo, delibera sobre ele e age com o controle possível de suas paixões e sentimentos para, enfim, conseguir, pelo saber, o seu quinhão de felicidade. No plano retórico, o *logos* desvenda o refletir como afirma Reboul e concordam também os modernos estudiosos da persuasão, em retórica razão e sentimentos são inseparáveis. Assim, como afirma Angioni³⁸, o caráter efetivo e eficaz da *phronesis* não pode ser separado da compreensão dos fins moralmente bons e, por isso, não pode ocorrer separadamente da virtude do caráter. Nosso caráter, porém, é constituído por

36 Citação de Dalai Lama. Disponível em: https://www.pensador.com/dalai_lama_perseveranca_coragem/. Acesso em: 20 setembro 2021.

37 Citação de Victor Hugo. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTewNjM5Ng/>. Acesso em 20 setembro 2021.

38 Angioni, 2011.

força de fatores contextuais, subjetivos e ideológicos, que demonstram ou escondem em nós as virtudes e os defeitos. Agimos (*práxis*), possuímos paixões (*pathé*), formamos nossa historicidade, manifestamos nossa vocalidade (*ethé*), pensamos (*dianoia*) e traduzimo-nos para os auditórios e essas predicções do sujeito estão todas restritas ao campo da vontade. Mostramo-nos pelo agir e pelas escolhas que fazemos e, nesse sentido, o *ethos* determina o índice de qualidades expressas na ação de um sujeito. *Ethos*, então, nessa perspectiva, é manifestação de uma vontade, de uma personalidade. Se assim for, exige cálculo racional (*logismos*) e ponderação sobre o que é conveniente³⁹. Nossas escolhas e nosso modo de agir, então, determinam nosso caráter. Existir, porém, é equilibrar-se sobre uma corda tensionada pela complexidade do provável, do inteligível, do preferível e pelas excentricidades contidas em ser, ter, querer, saber e poder que determinam nosso lugar social e o lugar da linguagem (e das retóricas) em nós. Como afirma Górgias (480 d.C.), “A linguagem exerce uma coação violenta sobre a alma, comparável à ação das drogas sobre o corpo”. O aforismo de Eco é bem sugestivo para exemplificar como a linguagem pode deslocar o homem e o colocar em estado de reflexão: *Não sei de nada. Não há nada que eu saiba. Porém certas coisas se sentem com o coração. Deixa falar o teu coração, interroga os rostos, não escutes as línguas...*⁴⁰

O aforismo que abre este texto, *Tudo me é lícito, mas nem tudo convém*⁴¹, aparece num contexto em que o apóstolo Paulo corrige os cristãos de Corinto. Alguns deles estavam adotando um comportamento completamente reprovável para a visão cristã. Viviam pelos extremos e, se levarmos em conta as reflexões de Aristóteles, por certo, perseguiam a felicidade, mas não levavam em conta as mediedades, fatores proeminentes na definição de virtude do caráter⁴² e delimitadas pela “razão correta” que caracteriza a *phronesis*⁴³. Não demonstravam virtude (*aretê*), não procuravam o meio termo entre ações opostas, entre o excesso e a deficiência (*mesótês*), a justa medida e, por isso, não revelavam virtudes intelectuais ou éticas. O aforismo paulino esforçava-se para promover a conversão dos já convertidos e, pelo próprio aforismo, acentuar a verdade pretendida, para abalar as certezas estabelecidas e convidar seus fiéis a olhar o mundo sob ângulos inusitados. A tarefa não parecia fácil, pois, como afirma Eco, “Tu estás dizendo que entre

39 Aristóteles, 2005, I, 10, 1369 a-b

40 Eco, 2010.

41 1 Coríntios 6,12. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/6/13-20>. Acesso em: 28 setembro 2021.

42 Aristóteles, 2004.

43 Essa delimitação das mediedades parece envolver duas camadas: o uso do raciocínio deliberativo para a determinação de propósitos (*prohairesis*), e a avaliação dos fatores singulares envolvidos nas circunstâncias de cada ação. À luz disso, compreendemos melhor a definição da *phronesis* como “realizadora de ação” (*praktike*), bem como sua interdependência em relação à virtude do caráter.

desejar o bem e desejar o mal não há senão um passo, porque se trata sempre de dirigir a própria vontade. Isto é verdade. Mas a diferença está no objeto, e o objeto é reconhecível claramente. Aqui Deus, lá o diabo.”⁴⁴

Conclusão

Drummond nos dá um bom conceito sobre o tema que tematizamos neste texto: “O aforismo constitui uma das maiores pretensões da inteligência, a de reger a vida”. Como afirma Pascal, porém, “Entre nós e o inferno ou o céu não há senão o entremeio da vida, que é a coisa mais frágil do mundo”. Entre a potência e a fragilidade do existir, buscamos caminhos para consolidar com felicidade nosso processo de socialização. Em retórica, o aforismo é um argumento de autoridade e, como tal, traz em si uma boa dose de credibilidade, de verossimilhança suficientemente capaz de, no ato retórico, estabelecer acordos para oferecer ao homem comum o gosto de realizar, pelo discurso e depois dele, uma tendência fundamental do homem: o saber.

O aforismo não é necessariamente lógico, mas, sim, o exercício racional que analisa criticamente a cultura e tenta dirimir dúvidas existenciais por meio de discursos consistentes, com o objetivo de exortar a virtude, a disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e de paixões. Por ser como é, o aforismo conclama o homem a procurar a justa medida, a mediania, que é determinada por um princípio racional do próprio homem, dotado de sabedoria prática. Nesse sentido, para além do universo da *doxa*, o aforismo é o mundo falado pelo outro com coerência e concisão no discurso e, por isso, altamente retórico.

Referências

ANGIONI, Lucas. **Phronesis e virtude do caráter em Aristóteles**: comentários a Ética a Nicômaco VI. Dissertatio, 34, 303–345, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8706>. Acesso em 28 de setembro 2021.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Introdução Goffredo Telles Júnior. Tradução Antônio Pinto de CARVALHO. Rio de Janeiro: Editora Ediouro - Tecnoprint, 1979.

ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2ª. ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

44 Eco, 2010.

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. António C. Caeiro, Lisboa: Quetzal Editores, 2004.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1997.
- CAMPBELL, Karlyn Kohrs; HUXMAN, Susan S; BURKHOLDER, Thomas R. **Atos de Retórica – Para Pensar, falar e escrever criticamente**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2a Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996
- ECO, Umberto. **O nome da Rosa**. 2ª ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- ELIAS NETO, Jorge. **Aforismo: uma pretensão da verdade?** Maio de 2017. Disponível em: https://www.germinaliteratura.com.br/2017/literatura_mai17_jorgeeliasneto.htm. Acesso em: 28 setembro 2021.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **A Tópica de Perelman e Oldbrechts-Tyteca**. Diálogos Pertinentes, 179, vol. 15, n. 2, p. 157-174, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3600> Acesso em: 28 de setembro 2021.
- MARCONATTO, Arildo Luiz. **Agostinho de Hipona** (354 - 430). Só Filosofia. Disponível em http://filosofia.com.br/historia_show.php?i. Acesso em: 28 de setembro 2021.
- MEDEIROS, Walter Souza. **Terêncio, o homem que se puniu a si mesmo**. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1992. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/iec/wsmedeiros> Acesso em: 29 de setembro 2021.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos** – São Paulo: Martins Fontes, 1ª ED., 2005.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PESTANA, Álvaro César. **Identificação de provérbios e slogans na literatura paulina**. Via Teológica Vol. 15, N. 30, dez 2014, p. 08-31. Curitiba: Faculdades Batista do Paraná. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/35842004/PESTANA_%C3%81lvaro_%C3%A9sar_Identifica%C3%A7%C3%A3o_de_Prov%C3%A9rbios_e_Slogans_na_Literatura_Paulina_pdf. Acesso em: 28 de setembro 2021.
- PESTANA, Álvaro César. **Paremiologia, aforizações e 1 Coríntios 6.12-20**. Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações. 30 e 31 out.2019. PIRES, M.N. “Aforismo”. In: Dicionário de termos literários. Disponível em: www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/aforismo.htm. Acesso em: 27 de junho 2009.
- PESTANA, Álvaro César. **Ditados Coríntios e Ditados Paulinos: um estudo da carta de Paulo aos Coríntios por meio da Análise Literária, Epistolar, Retórica e da Paremiologia**. 6ª Ed. Recife. Editor Álvaro César Pestana, 2019.
- PSEUDO CÍCERO. **Retórica a Herênio**. Introdução, tradução e notas por Salvador Núñez. Madrid: Gredos. 1997.
- QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição Oratória**. Tomo I. Tradução e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2015a.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2ª. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVEIRA, Dênis. **As Virtudes em Aristóteles**. Revista de Ciências Humanas, vol.1, n.1, 2000. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/203> . Acesso em: 27 de setembro 2021.

VAZ, Lúcio. **Os limites dos autossacrifícios segundo Montaigne**. In Revista Kriterion 59 (141), dez. 2018, disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2018n14109lv>. Acesso em: 28 de setembro 2021.

VIEIRA, Padre Antonio. **Sermões**. Vol. VIII Erechim: EDELBRA, 1998.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thais Marini. **Revisitando o conceito de provérbio**. Veredas online, atemática, Jan. 2008, p. 33-48. Disponível em: www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf. Acesso em: 29 de setembro 2021.